

Fundo investe na Huíla

A província deve ser contemplada com dois projectos de financiamento internacional ligados ao apoio à agricultura familiar, a serem suportados por recursos do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrário e executados em 2018, revelou o ministro da Agricultura, Marcos Nhunga

Análise



POR RUI AMENDOEIRA

ADVOGADO E ESPECIALISTA EM ASSUNTOS PETROLÍFEROS

A OPEP, apesar de tudo...

Por maior, mais antiga ou bem-sucedida que seja uma empresa, a sua sobrevivência, a cada momento, depende de um único factor: da decisão individual dos consumidores e clientes de comprarem os seus produtos ou utilizarem os seus serviços. Esta decisão é tomada todos os dias, e nunca está garantida à partida. Não importa quantas bebidas a Coca-Cola vendeu domingo; segunda-feira só venderá as que os consumidores decidirem comprar nesse dia. É correcto dizer-se que uma empresa começa todos os dias ‘a zero’ no que diz respeito à venda dos seus produtos ou serviços, e que o resultado do dia anterior não gera mais do que uma expectativa, e, ainda assim, muito falível, quanto ao desempenho futuro.

Ao contrário do que os especialistas na gestão de marcas gostam de dizer aos clientes, os consumidores modernos são muito pouco fiéis a marcas ou produtos. Basta surgir no mercado uma oferta mais económica ou que proporcione uma experiência mais cómoda, agradável ou variada, e o consumidor-tipo adere prontamente

Estou convencido de que, se o mercado do petróleo funcionasse de acordo com as mesmas regras de livre oferta e procura de outros mercados, o preço do barril estaria inferior ou muito inferior ao actual

à novidade, abandonando, sem remorsos, o produto ou serviço a que estava habituado. É por isso que a Amazon vingou sobre as livrarias físicas, ao oferecer o conforto de entregar livros em casa, através de simples ‘cliques’, o iPhone sobrepôs-se aos telefones ‘não-inteligentes’, pela diversidade de serviços que disponibiliza; a Ryannair colocou em crise as companhias aéreas de bandeira ao massificar as viagens *low cost*, e provavelmente a Tesla vá tornar irrelevantes vários fabricantes de automóveis que não conseguirem fazer a transição para os veículos eléctricos. Subjacente a cada uma destas mudanças, está, quase sempre, uma significativa inovação tecnológica ou, pelo menos, uma profunda alteração nos processos de fabrico e venda de um produto ou serviço. Neste momento, perguntará o leitor por que razão faço estas considerações acerca de um texto sobre a indústria petrolífera e a OPEP, em particular. Sucede que a indústria petrolífera é uma das mais recentes ‘vítimas’

da disrupção provocada pelos progressos exponenciais da tecnologia. Os notáveis avanços tecnológicos dos últimos anos, que permitem a extracção de petróleo e gás a partir de formações xistosas (*shale*), aumentaram consideravelmente as reservas recuperáveis e, logo, a oferta no mercado. Ainda por cima, esta evolução ocorre, sobretudo, no país mais capitalista, os EUA, onde as forças de mercado funcionam com máxima liberdade. Evoluindo a tecnologia de forma exponencial, às vezes dando ‘saltos quânticos’, é de esperar que, no futuro, mais reservas se vão abrindo ao engenho dos produtores de *shale* norte-americanos, assim pressionando o mercado com mais oferta.

Estou convencido de que, se o mercado do petróleo funcionasse de acordo com as mesmas regras de livre oferta e procura de outros mercados (como os produtos/ serviços que acima mencionei), o preço do barril estaria a um nível ainda inferior, ou mesmo muito inferior, ao actual. Se o mercado fosse deixado aos seus mais puros instintos, poderíamos assistir a flutuações extremas que, em certos momentos, provocariam o colapso do preço para valores drasticamente baixos. Basta ver o que ocorre ciclicamente com outras *commodities*. Porém, no universo do petróleo, existe algo de único que serve de contrapeso às puras forças de mercado: a organização que os críticos apelidam de cartel, dos países produtores: a OPEP.

O principal objectivo da OPEP não é maximizar o preço do barril. A missão essencial da OPEP é criar estabilidade no preço num patamar que seja suficientemente alto, para suportar as economias e o Estado Social dos países produtores, mas não demasiadamente alto para não incentivar a produção de petróleo não convencional e o avanço das energias renováveis. A OPEP não o admitirá publicamente, mas é essa estratégia que está na mente dos seus responsáveis. Se a OPEP fosse uma organização privada, há muito que tinha sido desmantelada pelos Estados, por restringir e violar as regras de livre concorrência. Mas, como é uma organização de Estados, o condicionamento do mercado é justificado pelo bem maior que consiste em garantir a receita estável dos países produtores e, portanto, o bem-estar das suas populações. A realidade é subjectiva e depende dos olhos de quem a vê.

É certo que a OPEP, em 2017, é menos eficaz na estabilização do mercado do que foi na sua época ‘áurea’ da década de 70 e 80 do século passado. A OPEP controla uma quota menor da produção mundial, os produtores

de *shale* norte-americanos escapam largamente à sua influência, as alternativas aos combustíveis fósseis e ao petróleo convencional são maiores, além de que a coesão da OPEP é posta em causa por crescentes clivagens políticas, militares e religiosas, entre os diversos países-membros. Não obstante, continua a dispor de uma poderosa ‘arma’ para influenciar o preço do barril: a simples ameaça (ainda que nem sempre a consiga concretizar) de que, a qualquer momento, pode restringir as quotas de

Costuma dizer-se, a propósito de certas coisas, que só percebemos o seu valor no dia em que elas desaparecem. Da perspectiva dos países produtores, a OPEP será uma delas

produção e, portanto, estreitar a oferta. O preço do petróleo é, hoje em dia, fortemente influenciado pelas transacções de produtos financeiros (futuros, etc.) realizados nas bolsas e outros mercados regulados, mais do que pelas transacções físicas do produto. Os investidores e os especuladores não gostam de ficar expostos a factores externos ao mercado e imprevisíveis, como decisões políticas ou equiparáveis. A perspectiva de a OPEP poder, a todo o tempo e à curta distância de uma reunião em Viena, tomar uma decisão súbita para ‘equilibrar’ o mercado é susceptível, pelos mecanismos sistémicos dos mercados financeiros, de provocar variações de preços bruscas que possam arruinar o mais experiente especulador ou *short seller*. Aliás, pode nem ser preciso tomar uma decisão formal. Por vezes, basta um comentário ou desabafo de Putin ou do ministro dos Petróleos da Arábia Saudita. Esta circunstância é bastante para dissuadir movimentos especulativos sobre o preço do barril a partir de determinado ponto que seja considerado demasiado perigoso. Apesar dos seus problemas internos, hesitações e ineficiências, a OPEP continua a ser o melhor instrumento para garantir alguma estabilidade de preço aos países produtores como Angola. Costuma dizer-se, a propósito de certas coisas, que só percebemos o seu valor no dia em que elas desaparecem. Da perspectiva dos países produtores, a OPEP será uma delas. ■